

IRÃ E OCIDENTE: ENTRE O CABO DE GUERRA NUCLEAR E A GUERRA FRIA OCULTA

Por Giuseppe Gagliano*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A relação entre Irã e Ocidente é um complexo cabo de guerra nuclear e geopolítico, onde negociações estagnadas e uma guerra de espionagem e influência minam a confiança e sabotam a diplomacia.

A complexa relação entre o Irã e as potências ocidentais, especialmente os Estados Unidos e o Reino Unido, continua a se desenrolar em múltiplos *fronts*, mesclando negociações nucleares com uma guerra fria paralela de espionagem e influência. O pano de fundo é uma batalha por soberania e dissuasão, onde a desconfiança mútua prevalece e as linhas entre a diplomacia e a provocação se confundem.

No cerne da questão nuclear, a negociação entre Teerã e Washington sobre o enriquecimento de urânio permanece um “cabo de guerra”, ecoando o ponto que levou ao colapso do acordo de 2015. Para os Estados Unidos, o “enriquecimento zero” é uma linha vermelha intransponível, enquanto para o Irã, é uma conquista nacional inegociável, alcançada “com sangue e recursos”.

O vice-ministro dos Negócios Estrangeiros iraniano, Majid Takht-Ravanchi, é claro: se os EUA insistirem em “enriquecimento zero”, as conversas programadas em Roma — a quinta rodada de uma negociação longa e árdua — “*não levarão a nada*”, apesar do otimismo demonstrado por Donald Trump, que chegou a falar em um acordo “*muito próximo*”.

O problema é estrutural, remontando a 2018, quando Trump desmantelou o acordo assinado por Barak Obama e cinco potências mundiais, alegando que era muito favorável a Teerã. As sanções foram reimpostas, e o Irã aumentou seu nível de enriquecimento para 60%, aproximando-se dos 90% necessários para uso militar. Em 2025, a desconfiança é tamanha que as declarações públicas contradizem as trocas privadas.

No entanto, um novo elemento surgiu: a proposta de um consórcio regional envolvendo Irã, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos para supervisionar o enriquecimento. Trata-se de uma audaciosa tentativa de *multilateralizar* a questão, tranquilizar e oferecer garantias coletivas, transformando uma crise bilateral em uma solução regional. Contudo, a desconfiança predomina: para o Ocidente, enriquecer equivale a armar-se; para Teerã, é uma afirmação de autonomia científica. Como afirmou o ministro dos Negócios Estrangeiros e negociador-chefe do Irã, Abbas Araghchi: “*Continuaremos, com ou sem acordo*”, deslocando o debate para o terreno do poder, e não do compromisso.

Paralelamente a estas negociações, uma guerra geopolítica mais ampla se desenrola. A recente prisão de três cidadãos iranianos em Londres, acusados de espionagem, vigilância de opositores e ameaças a jornalistas da *Iran International*, acionou a máquina de segurança britânica sob a alegação de segurança nacional. O Irã, por sua vez, protestou e convocou o diplomata britânico em Teerã, denunciando uma manobra política. Este incidente não é apenas sobre espões, mas sim um confronto aberto entre duas visões de mundo: o Reino Unido se posiciona como um baluarte da segurança europeia, enquanto a República Islâmica rejeita qualquer ingerência e revida no terreno mais sensível: o nuclear. Embora o palco do conflito seja Londres hoje, amanhã poderá ser Viena, Mascate ou a Agência Internacional de Energia Atômica.

A *Iran International* é um símbolo da guerra de informação entre o Irã e o Ocidente: Teerã a considera uma organização terrorista, enquanto Londres a protege. Nos corredores dos serviços de inteligência, o debate entre a proteção de dissidentes e a repressão extraterritorial transformou-se em um verdadeiro campo de confronto, utilizando novas armas como drones, cibersegurança, propaganda e provocações judiciais.

Tudo isso ocorre enquanto as negociações nucleares permanecem suspensas entre a ambiguidade e o blefe. De um lado, os Estados Unidos retornaram à mesa de negociações, mas sob a sombra persistente de Donald Trump, que reativa linhas vermelhas insustentáveis. Do outro, o Irã aposta em seu papel regional e menciona consórcios atômicos com a Arábia Saudita e os Emirados — alianças improváveis ou meras provocações táticas?

No meio disso, a Europa do grupo E3 (França, Alemanha, Reino Unido) permanece prisioneira de sua fraqueza diplomática. Após ter assinado o JCPOA e sofrido seu desmantelamento pelos Estados Unidos, ela não consegue mais garantir o cumprimento dos compromissos nem estabelecer um diálogo crível. O famoso mecanismo de *snapback*, cogitado por meses, não produziu nem dissuasão nem resultados.

Em última análise, a prisão dos iranianos em Londres não é o epílogo de uma investigação, mas um episódio intermediário de uma longa guerra fria paralela, marcada por provocações, retaliações diplomáticas e negociações nas sombras. O maior perigo é a erosão definitiva da confiança e da possibilidade de mediação multilateral. Quando espiões e diplomatas desempenham o mesmo papel, é o direito internacional que perde o sentido, e apenas a suspeita sai vitoriosa.

Este texto é resultante da mescla de dois artigos de autoria de Giuseppe Gagliano, ambos publicados no Le Diplomate.Midia:

[ANALYSE – Iran-USA : La guerre de l'enrichissement et l'impossible retour à l'accord](#)

[RENSEIGNEMENT – Diplomatie sous surveillance : Londres accuse, Téhéran réagit, le nucléaire refait surface](#)

****Giuseppe Gagliano** é presidente do Centro Studi Strategici Carlo de Cristoforis, em Como, Itália. É membro do comitê internacional de assessores científicos do Centre Français de Recherche sur le Renseignement (Cf2R).*
